

# NOSSOS MESTRES

Professora que ganhou o Nobel da Educação em 2018 usa tecnologia e propostas pedagógicas inovadoras para transformar a realidade de estudantes nas periferias brasileiras

## Rainha da escola e da robótica

» MARIANA NIEDERAUER

Desde a infância, a professora Débora Garafalo nutre uma certeza: a de que a educação é transformadora. E aquilo que viu se concretizar na própria vida, ela trabalhou para tornar realidade também para milhares de estudantes pelo Brasil. Hoje, ela é uma das profissionais do país reconhecida com o prêmio considerado o Nobel da Educação e finalista e vencedora de outros 20, e segue na atuação incansável pela melhoria da qualidade da educação pública.

Caçula de três irmãs, Débora nasceu na capital paulista, numa casa comandada e mantida por uma mãe solo que carregou a educação como trunfo para as filhas. “Minha mãe teve muita coragem. Ela se separou de um casamento infeliz em uma época em que as mulheres não se separavam”, conta a professora, que relata ter sofrido o estigma da separação dos pais tanto na escola quanto no próprio círculo familiar. Cansou de ouvir frases como “essas meninas não têm futuro”.

O abandono do pai pesava. Mas a mãe, Lourdes Macario, sempre deixou claras as prioridades. “Minha mãe sempre soube a importância dos estudos”, relata Débora. “Eu sempre vi a educação como uma possibilidade de transformar o mundo e a sociedade para algo muito melhor. E, hoje, nós temos diversos dados que comprovam isso: que a educação é a base da transformação de qualquer sociedade.”

Ela cursou toda a educação básica em escola pública, no extremo Sul da capital, próximo ao Autódromo de Interlagos, uma experiência que definiu em grande parte os passos profissionais que seguiria. “Aquela escola foi muito marcante para mim. Apesar de ficar em um local isolado, os professores tinham uma atenção muito especial com a gente e com a escola”, relembra-se, com afeto. Foi graças a esses professores que Débora

Fotos: Arquivo pessoal



**Débora Garafalo foi selecionada entre as 10 melhores no prêmio considerado o Nobel da Educação**

teve a oportunidade de ir ao cinema pela primeira vez. O filme era *Jurassic Park — O Parque dos Dinossauros*, clássico dos anos 1990, dirigido por Steven Spielberg. “Foi um evento que me marcou muito.”

Começava a ser plantada ali a semente da carreira na área de educação. “Eu gostava de ensinar meus colegas. Andava como uma lousinha pequena, verdinha e ficava ensinando as outras pessoas”, conta,

aos risos. Logo que se formou no ensino fundamental, prestou o que à época era chamado de vestibulinho para a última turma do curso de magistério da cidade de São Paulo, no extinto Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam).

Funcionava de maneira similar a uma residência, como hoje ocorre em alguns cursos, a exemplo da medicina. Os alunos estudavam

pela manhã e faziam estágio à tarde. Débora guarda as melhores lembranças do período e defende que, hoje, a formação dos professores se inspire no modelo. “Precisamos resgatar isso. Dava uma bagagem importante. Os professores traziam essa consciência do que era realmente ser professor”, afirma. “Ter esse olhar desde a minha escolarização — muito simples, mas muito potente — me fez ser a

professora que eu sou hoje.”

Ao terminar o ensino médio e o magistério, Débora sentiu o baque de não ser aprovada no vestibular de pedagogia para a Universidade de São Paulo (USP) por apenas dois pontos. Diante disso, começou a trabalhar em um banco e pagar um curso particular de letras em português e inglês. Ao mesmo tempo, ela trabalhava na área de recursos humanos de uma empresa do setor industrial. À noite, dava aulas para turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

### A voz das periferias

Em 2008, a professora decidiu se dedicar exclusivamente à educação, “para devolver um pouco tudo o que eu tive”, explica ela, e mostra intencionalidade também na escolha por dar aulas nas periferias, “por entender que esses meninos e meninas têm voz, e eu precisava mostrar a eles que a educação transforma vidas”.

“A educação me transformou de diversas maneiras. Conviver com histórias diferentes da minha, ver os resultados em sala de aula, nas diferentes modalidades de ensino que eu tive a oportunidade de participar, fez com que eu tivesse um olhar de uma professora diferenciada: uma professora inquieta”, complementa.

Em 2013, já formada também no ensino superior, Débora é aprovada para o cargo de professora na Prefeitura de São Paulo, onde passa a dar aulas de língua portuguesa e de inglês e segue na EJA. “É uma questão histórica do Brasil: as escolas do estados se concentram nos grandes centros, e as do município, nas periferias. A primeira escola em que lecionei ficava perto da favela de Paraisópolis, um local de difícil acesso”, contextualiza.

Depois, foi alocada em uma escola perto de casa, o Emef Almirante Ary Pereira, onde desenvolveu o projeto que mudaria os rumos de sua carreira. A escola fica